



A representação da mulher na poesia de Lila Ripoll¹

Cinara Ferreira Pavani*

Resumo: Este trabalho examina a representação da mulher na poesia de Lila Ripoll, uma das poucas escritoras incluídas na história literária do Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX. Busca-se identificar o modo como a voz feminina é proferida na obra da autora, bem como a relação de sua produção escrita com o papel da mulher na sociedade do referido período histórico, a partir dos estudos de gênero.

Abstract : This paper analyses the representation of women in Lila Ripoll's poetry, one of the few women writers included in the literary history of Rio Grande do Sul in the first half of the twentieth century. Based on the gender studies, the paper tries to identify the way the woman's voice is uttered in the author's work, as well as the relation between her written production and the women's role in society at that time.

Palavras-chave: Lila Ripoll; poesia sul-rio-grandense; estudos de gênero; escrita feminina

Keywords: Lila Ripoll; poetry from Rio Grande do Sul; gender studies; women's writing

Em vista da importância de Lila Ripoll no estudo da literatura sul-rio-grandense e no exame da literatura produzida por mulheres no estado, este artigo propõe a análise de sua poesia na perspectiva dos estudos de gênero. Tem por objetivo mostrar a relação existente entre a representação da figura feminina e o contexto da época em que a autora escreveu, no que se refere ao papel da mulher na sociedade. Poucas eram as mulheres, na primeira metade do século XX, no Rio Grande do Sul, que tiveram a possibilidade e a ousadia de Lila em atuar na esfera pública, espaço ocupado predominantemente pelos homens.

Nascida em Quaraí/RS, em 1905, Lila Ripoll muda-se para Porto Alegre na adolescência, a fim de completar seus estudos, tornando-se professora de piano e, mais tarde, ativa representante de seu sexo nos meios literários da época em que viveu. Embora tenha se integrado aos modos de representação do mundo burguês, foi responsável pelo acréscimo muito pessoal da temática da negatividade do ponto de vista da mulher (ZILBERMAN, 1985, p. 85). Sua obra poética está inserida no chamado neo-simbolismo, que floresceu no Rio

¹ Este artigo resulta do projeto de pesquisa intitulado "A representação da mulher na obra poética de Lila Ripoll", desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul, desde março de 2006.

* Cinara Ferreira Pavani é professora Titular da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Grande do Sul depois dos anos 30, e foi publicada entre os anos de 1938 e 1961, compondo-se de oito títulos: *De mãos postas*, *Céu vazio*, *Por quê?*, *Novos poemas*, *Primeiro de maio*, *Poemas e canções*, *Coração descoberto* e *Águas móveis*.

A partir da análise de poemas de diferentes momentos da produção poética de Lila Ripoll, este estudo pretende analisar a representação da mulher na perspectiva da crítica feminista. O poema “Vim ao mundo em agosto”, do livro *De mãos postas* (1938)², é bastante significativo para a análise proposta, visto trazer à tona o sentimento de tristeza que acompanha o sujeito feminino desde o seu nascimento:

Sou triste de nascença e sem remédio.
Vim ao mundo no triste mês de agosto
o mês fatal das chuvas e do tédio,
e nasci quando o sol estava posto.
Vim ao mundo chorando... (o meu presságio!)
Um vento mau marcava na vidraça
O plangente compasso de um adágio,
Anunciando agoirento uma desgraça.

Sou triste. É irremediável este mal.
E eu não quero curar a minha tristeza.
Só ela para mim tem sido leal,
Na minha via-sacra de incerteza.

Sou triste de nascença. É mal sem cura.
A vida não desfez meu nascimento.
Sou a menina triste e sem ventura,
Que em agosto nasceu, com chuva e vento. (p. 29)

O eu poético apresenta-se como alguém que tem a tristeza por destino, revelando, nesse sentido, uma visão determinista da vida e uma postura passiva diante dos acontecimentos. Sabe-se que o eu lírico é uma mulher apenas na última estrofe, na qual reitera ser “triste de nascença”: “Sou a menina triste e sem ventura, / Que em agosto nasceu, com chuva e vento”. A passividade em relação à tristeza é reforçada pelo verso em que o eu poético afirma que “a vida não desfez seu nascimento”, não havendo da sua parte nem mesmo uma tentativa de mudança.

Embora não se constate no texto uma referência à condição da mulher na sociedade, é possível antever um posicionamento feminino na poesia de Lila Ripoll. Especialmente na poesia acima, pode-se dizer que o sujeito mulher apresenta-se sufocado pela sua condição, na medida em que afirma carregar consigo a tristeza de seu próprio nascimento. Não fica explícito se a tristeza se deve ao fato de ter nascido mulher, mas a autodefinição como “menina triste” sugere uma relação com a questão de gênero. Teresa de Lauretis (1994, p. 210-211) ressalta que gênero é a representação de uma relação, ou seja, o gênero constrói uma

² Os poemas foram retirados de: RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Organizada por Alice Campos Moreira e editada

relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, em uma relação de pertencer. Para a autora, o gênero atribui a uma entidade, isto é, a uma pessoa, certa posição dentro de uma classe (entendida como grupo social). Assim, entende-se que o gênero determina o lugar do sujeito na sociedade, evidente nos papéis culturalmente destinados a homens e mulheres. Na poesia de Lila Ripoll, não há um questionamento desses lugares, mas a reafirmação de um lugar, hierarquicamente menor, ocupado pelo sujeito feminino. Nesse sentido, conforme aponta Bittencourt, a elocução poética de Lila Ripoll revela uma feminilidade latente, ainda fortemente contida e envergonhada, que não ousa manifestar-se às claras (1995, p. 15).

Esse fechamento da mulher reforça-se no poema com a resignação do sujeito poético em relação à tristeza, a tal ponto que não deseja desvencilhar-se desse sentimento: “Sou triste. É irremediável este mal. / E eu não quero curar a minha tristeza. / Só ela para mim tem sido leal, / Na minha via-sacra de incerteza”. Tal postura revela não só a passividade do eu lírico, mas também o desejo de alimentar-se da própria tristeza, pois, na sua vida, parece que apenas esse sentimento é permanente.

É inegável que, por trás de um discurso de aceitação das circunstâncias da vida, existe na poesia de Lila Ripoll uma mulher que passa a falar de seus sentimentos. Em sua lírica, a mulher não é objeto *do qual se fala*, mas sujeito *que fala* a partir do ponto de vista da mulher de sua época. De acordo com Rita Schmidt, quando se usa a expressão “escrita feminina”, geralmente, quer-se referir a texto de autoria feminina escrito do ponto de vista da mulher e em função de uma representação particularizada e especificada no eixo da diferença (1995, p. 189). Conforme a autora,

a literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura. Ultrapassados os preconceitos e tabus com relação ao potencial criativo feminino, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura, superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimo masculino e de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura feita por mulheres, hoje, se engaja num processo de reconstrução da categoria *mulher*, enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para a reconceptualização do feminino, para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante (1995, p. 187).

Desse modo, Lila Ripoll pode ser considerada até certo ponto uma representante da voz das mulheres de seu tempo. No entanto, é bom lembrar que essa dicção nascente ainda está atrelada à concepção de gênero do patriarcalismo, pois os problemas femininos são apenas sugeridos, não havendo uma contestação do papel social da mulher. De acordo com Bittencourt (1995, p. 16), o sistema de valores vigente na ideologia patriarcal estabelece uma oposição binária hierárquica entre o masculino e o feminino, na qual o homem desempenha o

pelo IEL e pela Ed. Movimento, em 1998.

papel de sujeito soberano, cabendo a ele o primado da razão, do intelecto, da ação e da cultura; enquanto isso, o feminino está ligado ao coração, ao sentimento, à intuição e à sensibilidade, ou seja, às instâncias desprovidas de poder. Nessa perspectiva, Zilberman aponta na poesia da escritora o escamoteamento das alusões à sexualidade e ao desejo feminino, substituídos por imagens etéreas, quase idílicas, de uma experiência infantil (1985, p. 82).

Os textos alusivos e sugestivos de Lila Ripoll apontam apenas indiretamente a natureza dos sentimentos femininos. No poema “A Virgem”, do livro *Céu vazio* (1941), Lila elabora uma imagem que sugere o sentimento de abandono da mulher em sua condição de sacrifício:

Parou em cima da montanha
e estendeu os braços para os lados,
em forma de uma Cruz.
O vento atirou para trás os seus cabelos
e o vestido que cobria o seu corpo.
Seus olhos ficaram perdidos no céu
numa pergunta sem resposta.

Caíram chuvas frias e sóis ardentes.
Rolaram dias, e noites, e estações...
Vieram pássaros descansar de longos vôos,
nos finos braços estendidos...
Cada dia, cada noite, era mais triste e impressionante
o vulto solitário da montanha.

Os homens olhavam de longe
aquela estranha figura de mulher.
Olhavam e pasmavam da indiferença da mulher.

E nem o céu, nem os pássaros, nem os homens,
compreenderam o pedido silencioso
dos braços que se estenderam inutilmente... (p. 84)

A virgem de braços abertos no topo da montanha remete a um sentimento de solidão do sujeito poético, que parece se sentir ignorado no meio em que vive. Talvez isso explique por que, mais uma vez, a escritora apresenta a mulher como alguém triste: “Cada dia, cada noite, era mais triste e impressionante / o vulto solitário da montanha”.

A figura da virgem aponta para uma intenção de vincular a imagem feminina à idéia de pureza. O fato de abrir os braços e esperar uma resposta vinda do céu reforça esse intuito. No plano simbólico, a subida à montanha associa-se a um desejo de transcendência. No caso da virgem representada na poesia, a busca de uma resposta não é satisfeita, e o seu sacrifício mostra-se inútil no final.

É importante observar a inclusão dos homens nessa poesia, apontados como sujeitos distantes: “Os homens olhavam de longe / aquela estranha figura de mulher. / Olhavam e

pasmavam da indiferença da mulher”. O texto sugere um distanciamento entre os sexos e a incompreensão sofrida pela mulher: “E nem o céu, nem os pássaros, nem os homens, / compreenderam o pedido silencioso / dos braços que se estenderam inutilmente...”. Novamente, verifica-se uma postura de espera e passividade por parte do sujeito feminino. Seu desejo não é nem ao menos expresso, pois os braços estendidos por si só não são suficientes para comunicar sua vontade ao mundo. Por isso, o pedido é inútil.

Já na poesia “Correntes”, também de *Céu vazio*, o eu poético reconhece sua passividade e a inutilidade de suas palavras:

Tantos e tantos caminhos
e os meus pés aqui parados
na negativa de andar.
Cansei a boca e o desejo,
Desenrolei pensamentos,
Pedi, pedi que seguissem
E eles ficaram imóveis,
Como rocha junto ao mar.

Há correntes invisíveis
Enroladas no meu corpo.
– Ninguém as pode partir! –
Fico parada às estradas,
Encho a cabeça de sonhos,
Atiro as mãos para frente
Mas nunca posso seguir.

Minha roupa às vezes toma
A forma exata de um barco
Que morre por navegar.
Mas – ai! De mim! – faltam remos,
A água vem, vai e volta,
Molha meus pés invisíveis
E as correntes não me deixam.
– Meu destino é renunciar. –

Os caminhos estão claros
E há um convite sem medidas...
– Ah! Partir minhas correntes! –
Prisioneira do meu corpo,
Sobem ondas de desejos,
Descem ondas de esperança –
Vai e vem soturno e triste
Como a água das vertentes!

Pode a vida fechar todos
os caminhos que me abriu.
Meus pés não querem andar.
Falei sempre inutilmente...
Minha boca é um traço triste
Que perdeu seu movimento
De pedir... sem alcançar... (p. 68-69)

Nesse poema, observa-se uma consciência em relação à diversidade de caminhos que a vida apresenta, porém, há um forte sentimento de impotência, uma vez que os pés negam-se a

andar. O eu poético admite ter o desejo de seguir pelos caminhos à sua disposição, mas cansou “a boca e o desejo”, ou seja, sua vontade e suas palavras não bastaram para a efetivação da caminhada. Esse aspecto revela uma mudança de perspectiva em relação aos dois poemas analisados anteriormente. Neles, o sujeito apenas lastima-se pela tristeza de sua condição. Em “Correntes”, ele antevê a solução para os seus problemas, embora ainda não tenha coragem para mudar. Essa atitude parece condizente com a realidade da época em que Lila Ripoll escreveu, visto que poucas mulheres haviam conquistado a independência profissional e financeira.

Segundo Bordini, nas primeiras décadas do século XX, quando não tinham a possibilidade de sobreviver através do casamento, as jovens da pequena burguesia saíam do interior para Porto Alegre, a fim de completar sua educação, com vistas à profissionalização. Isso ocorreu com Lila, que saiu de Quaraí, em 1927, para estudar piano na capital (1987, p. 20). Entretanto, essa não era a situação da maioria das mulheres que, em geral, ainda dependiam exclusivamente do casamento, não tendo perspectiva de se profissionalizar.

Por outro lado, segundo aponta Virgínia Woolf (1985), até o final do século XIX, a mulher não foi encorajada a desenvolver as suas inclinações estéticas e as poucas que ousaram penetrar nessa área de domínio masculino foram ridicularizadas e repudiadas em seu meio social. Susana Bornéo Funck elucida que, apesar de existirem obras feministas isoladas ao longo da historiografia literária (como as de Virgínia Woolf e Simone Beauvoir, entre as mais conhecidas), foi com o ativismo político da década de 60 nos Estados Unidos que um grupo de mulheres – editoras, escritoras, professoras e críticas – começou a questionar, com o vigor característico da década, a prática acadêmica patriarcal (1994, p. 18). Levando em conta tais aspectos, conforme Bordini, a poesia de Lila Ripoll simboliza a imobilidade da situação feminina até os anos 60 no Rio Grande do Sul (1987, p. 31). O sentimento de não poder se mover é representado no poema em análise pelas “correntes invisíveis enroladas” no seu corpo, impedindo o sujeito feminino de caminhar: “— Ninguém as pode partir! — / Fico parada às estradas, / Encho a cabeça de sonhos, / Atiro as mãos para frente / Mas nunca posso seguir”.

A impossibilidade de seguir é reiterada ao longo do poema. Mesmo quando sua “roupa às vezes toma / a forma exata de um barco / que morre por navegar”, não há remos, e o eu feminino sente-se amarrado por correntes, concluindo que seu “destino é renunciar”. No final, há o reconhecimento de que as palavras por si só não bastaram para impulsionar sua caminhada. Como os pés, que não quiseram caminhar, sua boca torna-se imóvel.

Novamente, a tristeza é o sentimento que prevalece para caracterizar o estado íntimo

da mulher na poesia da escritora. Nesse sentido, pode-se dizer que não ocorre um processo de emancipação do sujeito feminino, pois a voz proferida é a de alguém triste e resignado com a sua situação. O próprio eu poético admite que apenas palavras não geram mudanças. Sem a ação, as palavras são inúteis, como o pedido da virgem em cima da montanha, conforme já se viu.

O sentimento de impotência da mulher diante dos caminhos que a vida lhe apresenta parece desvanecer-se somente em poesias posteriores, como em “Canção de agora” e “Grito”, da obra *O coração descoberto* (1961). Em “Canção de agora”, constata-se um reconhecimento por parte do eu lírico da mudança que ocorre no seu modo de ver o mundo:

Ontem meu peito chorava,
hoje, não.
Também cansa a desventura.
Também o sol gasta o chão.

Estava ontem sozinha,
tendo a meu lado, sombria,
minha própria companhia.
Hoje, não.

Morreu de tanto morrer
a pena que em mim vivia.
Morreu de tanto esperar.
Eu não.

Relógios do tempo andaram
marcando o tempo em meu rosto.
A vida perdeu seu tempo.
Eu não.

Também cansa a desventura.
Também o sol gasta o chão. (p. 244)

Nessa poesia, o eu lírico afirma sentir-se cansado da postura passiva e triste verificada em poemas anteriores. Há uma mudança de perspectiva no modo de encarar o sofrimento. O verso “Eu não”, contraposto aos pesares antes vividos, demonstra o despertar do eu poético em relação ao seu papel e lugar no mundo. O choro, a desventura, a solidão e a pena dão lugar a um novo modo de encarar a vida, que não vê mais perdas. A passagem do tempo marca o seu rosto, mas não a sua essência. Nessa perspectiva, observa-se uma tentativa de auto-afirmação por parte da mulher e uma negação de sentimentos e situações que a aprisionaram no passado. A atitude de negação revela-se ainda mais explícita no poema “Grito”:

Não. Não irei sem grito.
Minha voz nesse dia subirá.
E eu me erguerei também.
Solitária.
Definida.

As portas adormecidas abrirão

passagem para o mundo.

Meus sonhos, meus fantasmas,
meus exércitos derrotados,
sacudirão o exército de convenção
e as máscaras de piedade compungida.

Dispensarei as rosas, as violetas,
os absurdos véus sobre o meu rosto.

Serei eu mesma.
Estarei inteira sobre a mesa.
As mãos vazias e crispadas,
os olhos acordados,
a boca vincada de amargor.

Não. Não irei sem grito.

Abram as portas adormecidas,
levantem as cortinas,
abaixem as vozes
e as máscaras –

Que eu vou sair inteira.
Eu mesma. Solitária.
Definida. (p. 245)

Em “Grito”, as palavras já não são consideradas inúteis como nas primeiras poesias da autora. Há um desnudamento do sujeito poético que reivindica para si o direito de falar, de *ir* com o seu grito. A possibilidade de gritar, ou seja, de proferir sua voz é associada à possibilidade de ascensão do próprio sujeito: “Minha voz nesse dia subirá. / E eu me erguerei também”.

Não se observa mais nessa poesia uma mulher triste e escondida do mundo, mas alguém que dispensa “as rosas, as violetas, / os absurdos véus sobre [seu] rosto”. Pode-se dizer, nesse sentido, que esse poema tem um cunho feminista, na medida que o sujeito feminino busca o desvelamento e a sua auto-afirmação.

Como se observa na análise realizada, a poesia de Lila Ripoll passa por fases distintas, no que se refere à representação da mulher. Inicialmente, o tom preponderante é o da melancolia, da tristeza e da impotência diante das circunstâncias da vida. Depois, verifica-se uma consciência dos vários caminhos possíveis, mas mesmo assim o sujeito não consegue desvencilhar-se das correntes que o impedem de caminhar. Embora deseje trilhar caminhos diferentes, seus pés recusam-se a seguir. Finalmente, parece haver uma mudança de perspectiva do eu poético, que passa a negar a forma como encarava a vida anteriormente. Nessa última fase, observa-se um desejo de abertura em relação ao lugar ocupado pela mulher na sociedade.

Cabe ressaltar que, no conjunto, a poesia de Lila Ripoll não assume abertamente uma

perspectiva feminista no uso da palavra. Uma das características fundamentais dos textos escritos por mulheres é a problematização de sua própria condição na sociedade, através da reflexão sobre o significado da escritura na transformação de suas vidas e na solução dos impasses enfrentados ao longo do processo de emancipação. Isso não ocorre nos poemas de Lila, mas pode-se dizer que o ponto de vista assumido é o da mulher, seja no lamento dos primeiros poemas analisados, seja na postura mais liberta dos últimos.

Referências

- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. Vozes femininas na literatura sul-rio-grandense. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 15, 1995.
- BORDINI, Maria da Glória. *Lila Ripoll*. Porto Alegre: IEL, 1987.
- FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. In: _____ (Org.) *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 17-22.
- LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RIPOLL, Lila. *Obra completa*. Organização de Alice Campos Moreira. Porto Alegre: IEL/Movimento, 1998.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia H. (Org.). *Rompendo o silêncio*. Gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995. p. 182-189.(Ensaio)
- WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha*. Temas e figuras da ficção e da poesia no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985.